

## “Os seres humanos são animais”

Constança Carvalho Homem

Conor McPherson escreve para exorcizar os seus demónios. Falou com Maddy Costa sobre religião, alcoolismo, rupturas dolorosas e explica porque há tão poucas mulheres na sua obra

Quarta-feira, 13 de Setembro de 2006

The Guardian

Há um som distintivo que Conor McPherson faz ao descrever como escreve as suas peças: é uma espécie de barulho viscoso, expelido, como se qualquer coisa pegajosa aterrasse de chapa numa mesa. As peças “vêm-me muito do inconsciente”, diz ele. “Descrevo-as como qualquer coisa que vem do corpo e que o cérebro tenta apanhar.” Começa quando uma imagem lhe vem à cabeça espontaneamente; devagarinho, as pessoas que contém começam a mexer-se e a falar, e depois expelle: ali estão elas na página.

Não é uma explicação que faça propriamente justiça à poesia e à magia do seu trabalho. Desde que *The Weir* [trad. port. *Lucefécit*] estreou em Londres em 1997, quando tinha apenas 25 anos, McPherson tem hipnotizado público e críticos com as suas histórias de almas perdidas e vidas conturbadas. Frequentemente, a perturbação que retrata reflecte a sua: embora diga que nunca determina escrever sobre a sua própria experiência, é possível traçar o percurso da sua vida nas histórias que pinta, histórias de excesso de álcool, rupturas, morte e esperança lograda.

Na próxima semana, fará a sua estreia no National Theatre com *The Seafarer*, uma fábula sobre dois irmãos – um, bêbedo incorrigível; o outro, sóbrio esforçado e recente – que servem de anfitriões ao diabo na véspera de Natal. McPherson é o primeiro a admitir: “Sou todas as personagens da peça.” – talvez especialmente o demónio desiludido, Lockheart, que inveja os homens junto de quem se move. McPherson escreveu a peça em menos de oito meses; é possível que seja o seu mais comovente e conseguido trabalho até à data.

Se aquele som expelido, e a velocidade a que escreve, sugerem que ele acha fácil o seu labor, estão muito enganados. Este é um homem com uma relação complexa, de amor-ódio, com a escrita, que escreve para exorcizar as vozes prolixas da sua cabeça. “É como se houvesse um reactor nuclear de ansiedade constantemente em agitação”, diz ele, “e o resultado são estas peças que saltam de vez em quando.” Para ele, escrever não é uma questão de escolha. “Se eu não fosse assolado pela necessidade de escrever coisas”, pondera, “talvez isso fosse uma bênção.” Actualmente com 34 anos, McPherson começou a escrever ainda na adolescência, pouco depois de ter virado costas à religião. O único filho rapaz de uma família da classe média de Dublin (tem duas irmãs, uma mais velha, outra mais nova), frequentou uma escola católica rígida onde, até aos nove anos de idade, foi regularmente soado pelos seus pecados. Não é de surpreender que tenha começado a pensar “O que é que eu ganho com isto?”. Achava que Deus “parecia um ser perverso, que criou o diabo e o inferno e queria que as pessoas fossem para lá, que parecia saber tudo mas não nos dava sequer uma oportunidade. Não fazia sentido.” Aos quinze anos, decidiu que “mesmo que morresse e fosse para o inferno, preferia ser livre durante a vida.”

Embora tivesse começado por escrever contos, o plano não era tornar-se escritor, mas sim músico, guitarrista numa banda. No entanto, os pais preocupavam-se, achavam que ele estaria “totalmente sem rumo” (McPherson ainda soa ligeiramente magoado com isto) e mandaram-no para o University College de Dublin, onde estuda Filosofia e Língua e Literatura Inglesas. “Pensei que provavelmente seria fácil.”

Não esperava que o curso mudasse a sua vida. A filosofia ensinou-lhe “que o que é preciso aceitar é que não sabemos nada, que somos ignorantes, o que é um sítio muito libertador onde se estar.” A Literatura, entretanto, deu-lhe a conhecer as peças de David Mamet. “O dia em que li o *Glengarry Glen Ross*, aí é que foi.”, diz ele. “Percebi exactamente o que queria fazer.” Inicialmente parodiando Mamet, começou a escrever e a produzir as suas próprias peças e nunca mais parou. Para além de dar algumas explicações enquanto estudava – e de trabalhar, como a mãe, em part-time numa loja de sapatos – ser escritor e encenador são os únicos empregos que alguma vez teve.

Mesmo agora, com os seus óculos sem aros, cabelo ruivo apumado e ar sério, McPherson parece e soa todo ele a filósofo. As suas peças são, também elas, o resultado de um processo longo de reflexão sobre quem somos, porque somos e o que somos. Actualmente, diz que escreve sob o ponto de vista de que “os seres humanos são animais: 90% do nosso comportamento é comportamento animal e só nos restam estes 10% de aparência, de semelhança a uma escolha civilizada, racional. Os nossos pensamentos estão sempre a perseguir os nossos apetites, justificando-os com linguagem: é trágico e hilariante. É essa a imagem que construo nas minhas peças: a de animais que falam e que pensam que por isso sabem tudo.”

A ironia é que por querer representar, de forma inabalável, a condição humana, que para ele é masculina, tão poucas mulheres puderam surgir nas suas peças. *The Seafarer* é um exemplo típico: é uma peça para cinco homens, para quem as mulheres são criaturas distantes, misteriosas, igualmente temidas e reverenciadas. McPherson é convenientemente acanhado quanto a esta falha: “Mas já me perdoei um bocadinho”, acrescenta, “porque compreendi que não é uma escolha. Sou homem e vivo a vida como um homem, e a verdade da vida, real e crua, para mim é masculina.”

Apercebeu-se de que a “verdade real e crua” da sua vida está profundamente enraizada no seu trabalho. Pessoalmente, diz, “Não sou um bom contador de histórias – prefiro de longe estar com pessoas conversadoras, ter o luxo de ouvir.” Em vez disso, as histórias infiltram-se nas suas peças – e que angústia está ali contida. O avô, que McPherson visitava frequentemente em criança, às vezes para estarem simplesmente sentados juntos na mesma sala, morreu quando ele estava a escrever *The Weir*; a peça pulsa com questões em torno da possi-

bilidade de encontrar descanso após a morte. *Port Authority* [trad. port. Embarques] (2001), peça em que três homens reflectem sobre a complexidade do amor, foi escrita quando a sua própria relação de uma década, com uma bailarina que conheceu na universidade, chegou ao fim. Apesar de já ser casado com outra pessoa na altura em que surgiu a sua peça seguinte, *Shining City* [trad. port. Luz na Cidade], de 2004, a obra assume uma perspectiva dilacerante sobre a forma como os relacionamentos morrem e o amor se pode transformar num sentido de dever incapacitante.

Talvez a mais perturbadora de todas seja *Dublin Carol*, de 1999, nas suas palavras uma peça “desconfortável e difícil” que explora o tormento do alcoolismo. Foi escrita quando McPherson era alcoólico, vício que terá começado, segundo ele, em 1997. “Eu estava a provar a independência e a liberdade, mas fui irresponsável e, provavelmente, era a pessoa errada para esse estilo de vida.”, diz. “Fiquei dependente da bebida: pensamos que nos faz sentir melhor, mas a única coisa que estamos a fazer é adiar bater em retirada.”

O seu conflito era também com a cultura Irlandesa: “A bebida está em toda a parte, nada acontece sem que ela esteja. Namoros, casamentos, funerais, idas ao teatro, tudo: é sempre álcool, álcool, álcool.” Mais nociva ainda era qualquer coisa inata: uma dúvida tão pronunciada que, apesar de ter ganho um prémio Olivier com *The Weir*, em 1999, “nunca sentia que tivesse êxito. Achava que era tudo muito accidental.” Isto, segundo ele, fez com que o alcoolismo se tornasse inevitável. “Estava dentro de mim e ter-me-ia acontecido qualquer que fosse a minha ocupação. Mesmo que eu fosse funcionário público, provavelmente teria sido o meu destino.”

O uísque não o impediu de escrever *Dublin Carol* e *Port Authority*; apenas encharcou as horas em que não estava a escrever. E podia ter continuado, até que uma noite, em Fevereiro de 2001 – a noite em que *Port Authority* estreou no West End – McPherson entrou em colapso e foi levado de emergência para o hospital. Teve uma pancreatite e não pode voltar a casa durante mais de dois meses. “O meu corpo cedeu”, diz simplesmente, “e acabou-se.” Não voltou a beber desde essa altura.

E agora também é mais feliz. Em 2003, o casamento com uma pintora que conheceu quando ainda estava com a anterior companheira trouxe “uma certa calma” à sua vida; o casal partilha em Dublin uma casa de três andares, trabalhando em áreas separadas no rés-do-chão. Está ansioso por ter filhos: “Espero dar um bom pai, espero ser um pai aberto e afectuoso”, diz ele. “E gostava de aprender com os erros.” Descobriu um novo prazer em “tentar ser saudável e estar em forma” e ainda toca guitarra, escrevendo e gravando em casa as suas próprias canções.

Se isto parece tornar a sua vida mais paradisíaca, admite, não sem um toque de vergonha, que ela até o é. “Vivo como artista e isso é uma sensação incrível, é um absoluto luxo. E já que tenho esta oportunidade fantástica, com tanta liberdade, estou determinado a fazer qualquer coisa que valha a pena. Sinto a responsabilidade de criar qualquer coisa que comova um público, que o leve a algum lugar. Mas isso é muito difícil de atingir.”

E então o “reactor nuclear de ansiedade” volta a agitar-se. Tem, segundo ele, uma provisão constante de combustível: “Sou ansioso em relação ao trabalho, ao futuro, às amizades, às relações passadas... Sou uma daquelas pessoas para quem tudo, o que quer que estejam a fazer, é uma grande preocupação.” É vertendo essa preocupação para as suas peças que consegue afectar o seu público tão profundamente. Mas é também por isso que, uma vez conduzida a peça ao palco em segurança, lava daí as suas mãos. “Depois de fazer uma peça, tendo a nunca mais a encenar. Tendo a nunca voltar a ver qualquer produção da peça, porque a sinto demasiado próxima de mim. É um círculo vicioso”, conclui, num tom que mistura graça e desespero.